

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

MULHER, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO. UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NOS BAILES DE TERCEIRA IDADE.

Lige Mara Rauber Bortolotti y Zulmira Newlands Borges.

Cita:

Lige Mara Rauber Bortolotti y Zulmira Newlands Borges (2009). *MULHER, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO. UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NOS BAILES DE TERCEIRA IDADE. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/854>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

MULHER, SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NOS BAILES DE TERCEIRA IDADE

Lige Mara Rauber Bortolotti¹
Zulmira Newlands Borges²
ligemara@bol.com.br

Introdução

É a partir das diferentes nuances do envelhecimento que a sexualidade tem se constituído num dos referenciais identitários de mulheres e homens velhos. Tomando por base esse entendimento estamos realizando uma pesquisa de cunho etnográfico com mulheres de 60 anos e mais que freqüentam bailes de terceira idade no município de Santa Maria/RS. O estudo objetiva entender como essas mulheres significam e vivenciam a sexualidade e qual o papel dessa sexualidade na constituição de si. A pesquisa encontra-se em fase de coleta de dados com a realização de observação participante nos bailes e entrevistas semi-estruturadas com as freqüentadoras destes locais. Até o momento os dados indicam que, para estas mulheres, a sexualidade e o sentimento de estar vivo estão interligados. Algumas considerações sobre o estudo são colocadas a seguir.

Antropologia e Envelhecimento

A antropologia vem contribuindo de forma substancial para expandir o conhecimento de assuntos relativos a população idosa e uma das formas de colaborar diz respeito a relativização da visão universalista, tradicionalmente adotada em estudos sobre o tema que se embasa na sua dimensão biológica onde o envelhecimento é associado à deterioração do corpo e, em conseqüência, tratado como uma etapa da vida caracterizada pelo declínio físico e psíquico. Essa conotação depreciativa associada a visão orgânica do envelhecimento vem sendo contestada nos estudos atuais (DEBERT, 2004).

Nesse enfoque, Elisabeth Uchoa faz um apanhado de estudos e contrapõe a visão ocidental com a não-ocidental concluindo que o envelhecimento no ocidente está bem mais associado a fatores negativos que nas outras sociedades. Isso se deve ao fato de que, na sociedade ocidental a velhice situa-se na “contracorrente de uma sociedade centrada na produção, no rendimento, na juventude e no dinamismo”, representando, portanto, a falta de tudo isso. A autora salienta ainda que comparando a visão ocidental com as visões não ocidentais é possível o questionamento da universalidade que acreditamos ser característica do processo como também a mudança de ponto de vista, pois o envelhecimento deixa de ser associado às idéias de deterioração e perda, usando como exemplo os *Nuer* do Sudão. Nessa sociedade os membros de uma classe de idade devem respeito aos da classe anterior, composta por pessoas mais velhas e com isso superiores na hierarquia social. Também os *Bambara* do Mali possuem um tipo de sociedade onde a senioridade é determinante da posição social, pois consideram que os mais velhos estão mais próximos dos ancestrais e com isso possuem mais autoridade sobre os mais jovens que lhes devem respeito e submissão (UCHÔA, 2003:850).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSM

² Orientadora - Prof. Dr^a. Do PPGS/UFSM

Ana Bassit (2002), afirma que em função do campo de estudos sobre o envelhecimento apresentar predominância na relação com doença e morte, isso acaba dificultando as abordagens diferenciadas e a associação da velhice com saúde e qualidade de vida. Como forma de mudar isso propõe o estudo do envelhecimento na perspectiva de diferentes cursos de vida, que permitiria ampliar o referencial de análise. Assim, a inclusão de novas histórias de vida e depoimentos pessoais representa uma forma de apreender a maneira como as pessoas vivem seu próprio envelhecimento em diferentes contextos sociais, culturais e históricos (BASSIT, 2002).

Assim, o envelhecimento deixaria de ser apreendido apenas por fatores demográficos e econômicos, pois estes não conseguem abarcar a complexidade do processo e nem contemplar a heterogeneidade das experiências envolvidas no processo. Logo, a velhice passa a ser entendida como uma construção social marcada pelas diferenças e não mais uma consequência biológica do ciclo de vida.

Portanto, à medida que se desenvolvem estudos em diferentes culturas, se evidenciam as diversas formas de envelhecer possibilitando que a velhice e o envelhecimento deixem de ser encarados como fatos naturais, para se tornarem fenômenos intimamente influenciados pela cultura e nisso a antropologia tem muito a contribuir.

Envelhecimento: diversidades e significações

Ao falar em envelhecimento, logo percebemos que aquilo que julgamos saber não é suficiente para defini-lo, e também, que esse saber hipotético é produto de uma visão cultural. O que é envelhecimento, pergunta Veras (2005)? Do que realmente falamos quando falamos de velhice? E quando falamos do velho, falamos de todos eles?

Para Alda Britto da Motta (2009:369), “é difícil definir a velhice, porque os indivíduos são ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes. Idades aproximadas ou uma mesma geração” não são indicativos seguros de similitude, pois “o envelhecimento não é um processo homogêneo nem mesmo no interior de cada indivíduo”. Para ela, a “velhice não é uma identidade permanente e constante”, mas antes “um apontamento cronológico e um reconhecer-se” que é assumido de forma diferencial e resistente em função das características depreciativas as quais se relaciona, principalmente no tocante as mulheres.

A autora salienta que na “modernidade capitalista, ser velha é justamente ter perdido a beleza física que serve de isca à realização da condição reprodutiva.” Assim, o ser velha está associada a perda de um referencial identitário como reprodutora (BRITTO DA MOTTA, 2009:370). “A velhice não traz para os homens essa mesma sensação de ruína, porque nunca se exigiu dele tanto cuidado físico como da mulher (FRAIMAN, 1994:57).

Desse modo não é de se estranhar que as mulheres idosas estudadas se refiram a velhice como um estado de espírito associado a condições de incapacidade que não seria compatível com o sentimento de bem-estar que constata em seu dia-a-dia. Desse modo dizem sentirem-se jovens, pois a juventude está associada as percepções em relação ao seu estado vivido e não necessariamente decorrente do pertencimento a um grupo etário ou uma idade cronológica que geralmente evitam mencionar.

Também Guita Debert afirma que alguns autores tratam a velhice da mulher como “uma situação de dupla vulnerabilidade, com o peso de dois tipos de discriminação – como mulher e como idosa”, ou seja, uma dupla discriminação de gênero e de geração. Para a referida autora, às perdas associadas ao envelhecimento da mulher devem somar-se outras como o “subemprego, os baixos salários, o isolamento e

a dependência” que, sobretudo assolam as mulheres de mais idade (DEBERT, 2004: 140).

Assim, é necessária a relativização dessas perdas, pois o fato de ser mulher e velha não são determinantes isoladas que garantam determinada condição, mas antes são fatores que em consonância e profundamente atrelados a outras condições, fazem com que a experiência de envelhecer seja um processo singular.

Também as perdas referentes ao fim do período reprodutivo nem sempre são relatadas pelas mulheres de forma negativa. O contraponto da impossibilidade da maternidade e a perda da juventude física trazem para muitas mulheres velhas, uma certa liberdade, já que elas não estão mais sujeitas aos controles sociais impostos à jovem esposa e mãe. Isso muitas vezes acaba funcionando como uma forma ambivalente de compensação das perdas, pois é a partir dessa nova liberdade, que essas mulheres significam e vivenciam, diferentemente do homens velhos, suas experiências de envelhecimento. As mulheres acionariam alguns mecanismos para mostrar que a velhice é uma questão de autoconvencimento e que, portanto, devem reagir, evitando os comportamentos considerados típicos das velhas (BRITTO DA MOTTA, 2009:371). Já nos homens, a manifestação da resistência se daria através da conscientização de que não se é mais moço e que estaria profundamente marcada pela ruptura com o mundo do trabalho ao qual foi ligado durante a juventude e a maturidade.

Já para outros autores, “a velhice feminina seria mais suave do que a masculina”, pois as mulheres que hoje estão nessa etapa da vida geralmente não experimentam a ruptura vivenciada pelos homens com o mundo do trabalho, já que geralmente são mulheres que viveram longe da esfera pública atendo-se aos afazeres domésticos. Isso conseqüentemente coloca-as num relacionamento mais próximo com os filhos que estariam mais dispostos a cuidar das mães do que dos pais na velhice (DEBERT, 2004: 140).

Mas essa proximidade que promove uma possibilidade maior de cuidado e dependência, também traz consigo o controle familiar diferencial para velhos e velhas. Enquanto as famílias se preocupam com a possibilidade do homem velho ser alvo de abusos econômicos na velhice, as mulheres são alvo de preocupação moral: pode haver toda a sorte de aproveitadores, novos e velhos, que venham a pleitear favores de ordem sexual e ou afetivos e que podem vir a comprometer a reputação das mulheres velhas, aos olhos da família e da sociedade. As famílias ficam apreensivas com relação às mulheres velhas e suas escolhas. “Persiste a preocupação com a moral feminina e uma desconfiança generalizada quanto aos seus critérios de escolha. A família se julga no direito (ou dever) de intervir, bem mais do que faria no caso do homem” (FRAIMAN, 1994:133).

Então, apesar dos “controles serem afrouxados sobre a mulher na velhice, já que ela não detém mais a função procriativa” (DEBERT, 2004:140), ainda se mantém a preocupação com valores morais no sentido de preservar a reputação da mulher e agora velha, o que não acontece com relação ao homem. Nisso, constata-se que a questão diferencial de gênero se mantém e que a mulher, mesmo velha e sem as características de juventude tão caras a sociedade atual, ainda figura como alvo privilegiado de controle social, ou seja, como um ser de natureza indomável. Então, a suposta androginia que permeia o envelhecimento só pode ser sustentada se nos mantivermos na superficialidade do processo e no senso comum sobre o envelhecimento.

Esse fato pode ser identificado na fala de uma das mulheres participantes da pesquisa que relata que os filhos não aceitam seu namoro com um rapaz de 32 anos de idade, pois acreditam que o namorado quer apenas “se aproveitar dela”, tanto econômica quanto sexualmente. Ela então pergunta: “- Por que o homem sempre tem

que ser mais velho que a mulher? E por que os meus filhos acham que podem mandar em mim e que eles sabem avaliar o sentimento dele e eu não? Eu acho que essa coisa de idade não tem nada a ver!” (Rita, ≅ 60 anos)³.

Evidencia-se nas problematizações de Rita o fato de que ser mulher e velha a desabonam como merecedora de crédito para suas próprias escolhas pessoais a título de uma suposta proteção e defesa de sua vulnerabilidade ante a um mundo agressivo em que ela não estaria apta a interagir. Mas isso se evidencia a partir de uma possibilidade: Rita recebe uma pensão de seu ex-marido e está pleiteando judicialmente converter a pensão dos filhos, todos com mais de 25 anos de idade e independentes, em seu benefício. Com isso, o entrelaçamento entre gênero, idade e condição social se torna evidente, pois marca a preocupação dos filhos e a queixa da informante.

Outro aspecto que tem sido pontuado pelas mulheres entrevistadas refere-se ao envelhecimento como possibilidade de novas vivências. Atualmente, é possível identificarmos mudanças na percepção e na vivência do envelhecimento, tanto por parte dos idosos, como também por parte dos especialistas da área. Além das tradicionais representações dos momentos tardios da vida relacionadas ao descanso, à quietude e à inatividade, surgem novas práticas que relacionam o processo de envelhecimento a atividade, aprendizagem, flexibilidade, satisfação pessoal e vínculos amorosos e afetivos.

Desse modo é possível para as mulheres que entrevistei falarem de liberdade, como uma conquista que não haviam tido até então e apontarem a dança como expressão dessa liberdade. “ – Quando danço me sinto livre!” (Ana ≅ 65 anos) “- gosto de dançar até sozinha, eu viajo! Quando danço não me sinto velha”(Rita). Estas falas expressam os sentimentos despertados nas informantes a partir da dança, como um ato de libertação e de conquista contrapondo-se ao imaginário que têm da velhice.

O Envelhecimento não é um processo homogêneo. Essa assertiva é presente no entendimento de vários autores (BRITTO DA MOTTA, 1999; DEBERT, 2000) e também se ratifica no grupo estudado. Nessa pesquisa, as formas de envelhecer com as quais tenho me deparado são ricamente permeadas pela diversidade: de roupas, de estilos, de posturas, de histórias. As velhas com as quais tenho convivido se mostram dispostas a não pararem no tempo a contemplar o passado. Mas e o futuro? Será ele também um dos componentes do envelhecimento dessas mulheres? Até o momento os dados de observação e de entrevistas indicam que nesse aspecto há uma conexão entre o sentimento de estar vivo e o exercício da sexualidade.

Sexualidade e Envelhecimento: encontros possíveis

Com o deslocamento da visão tradicional, a sexualidade e ao envelhecimento podem se atrelar como faces de um mesmo objeto legítimo de investigação científica. Mas isso ocorre simultaneamente a uma grande contradição: como considerar o desejo independente da idade numa sociedade que preconiza o novo, o efêmero e deposita seus valores estéticos em corpos belos, vigorosos e jovens? Como é possível conciliar a decadência dos atributos valorativos do corpo com as representações que temos acerca da sexualidade? Como se dá a construção das identidades sexuais na velhice? Essas perguntas afloram a partir do entrecruzamento de diversos fatores como os demográficos, os sociais, os econômicos e os epidemiológicos.

³ Nome fictício de informante. Todos os nomes de pessoas citadas foram substituídos para manter-se o anonimato. As idades citadas não correspondem necessariamente a idade cronológica, mas aparentada ou informada.

Mas além desses, um fato que sem dúvida se relaciona com essa atual visibilidade da sexualidade dos velhos é o índice de contaminação por HIV. O Ministério da Saúde assinala as notificações de casos de AIDS registrados pelos órgãos oficiais em pessoas com mais de 60 anos, passou de 685 casos no ano 2000 para 1.243 em 2007. As taxas de incidência por 100.000 habitantes passaram de 6,8 para o sexo masculino e 3,0 para o sexo feminino em 2000 para 9,3 para os homens e 4,9 para as mulheres no ano de 2007. (MS/SIS/PN – DST/AIDS, 2008).

Os números oficiais do Ministério da Saúde, apesar de representarem apenas os casos notificados, são uma demonstração da evidente desinformação e do alto índice de risco a que as pessoas de mais de 60 anos estão sujeitas. Isso se verifica em pesquisas recentes como de Olivi, Santana and Mathias (2008), que demonstrou 78,5% dos homens e 86,5% das mulheres não utilizaram preservativos na última relação sexual, na de Lazzarotto et al. (2008), que há um grande desconhecimento com relação ao HIV/AIDS, pois 49,4% dos participantes consideram que a pessoa infectada com o vírus sempre apresentará os sintomas relacionados a AIDS, 41,4% acreditam que a transmissão poderá se dar através da picada de mosquito. Do total das 510 pessoas participantes do estudo, 86,3% não usavam preservativo e apenas 11% destas já haviam realizado o teste anti- HIV.

Estamos diante de fatos apontados pelas estatísticas que ratificam a necessidade de um olhar atento para um segmento específico da população. O advento da AIDS de uma forma muito sinistra está fazendo com que se dê atenção a questões relacionadas aos velhos, fazendo com que toda aquela fantasia sobre a figura imaculada e assexuada do idoso, deixe de povoar o imaginário da sociedade.

Se hoje falamos de sexualidade na velhice enquanto que até bem pouco tempo os velhos eram para nós figuras assexuadas e o envelhecimento era recoberto por uma androginia onde as mulheres se masculinizavam, os homens se feminizavam até atingirem um nível semelhante de indiferenciação a ponto de apenas considerarmos-os como velhos, é porque as percepções mudaram e provavelmente os velhos também.

Essas questões são *boas para pensar* e a partir disso possibilitarmos-nos direcionar nossos estudos no sentido de buscar a compreensão das formas como o velho, que vive em um contexto específico, percebe, vivencia e significa as relações e os comportamentos cotidianos. É a partir dessa postura relativizante que deixaremos de lado a visão universalista do envelhecimento como processo único e unidirecional e que poderemos propor alternativas aos problemas reais que venham de encontro às necessidades específicas das diferentes maneiras de envelhecer.

Considerações Finais

Estudos que envolvem o envelhecimento apesar dos recentes investimentos científicos, ainda se mostram deficitários principalmente para instrumentalizar políticas específicas que venham de encontro às reais necessidades dessa população. O estudo em questão, apesar de estar numa fase inicial de coleta de dados, já identificou defasagens teóricas de estudos anteriores, onde os bailes eram lugares de lazer principalmente de mulheres e atualmente vem se mostrando como locais de buscas afetivas como também visualizou setores ainda não contemplados pelo olhar da ciência, como por exemplo os homens velhos que freqüentam esses bailes.

Referências

- BASSIT, A. Z. História de Mulheres: reflexões sobre a maturidade e a velhice. In: MINAYO, M.C. **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.
- Boletim Epidemiológico DST/AIDS – Ministério da Saúde, Ano V, nº 1 ISSN15171159. Disponível em: <http://www.aids.gov.br>
- BRITTO DA MOTTA, A. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu** (13), 1999.
- BRITTO DA MOTTA. Falando em Surdina: São Mulheres Velas. Disponível em: http://abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno_id=082&nivel=1#v3. Acesso em: 0/04/09.
- DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP, 2004.
- DEBERT, G. G. **Políticas do Corpo e o Curso da Vida**. São Paulo: Sumaré, 2000.
- FRAIMAN, A. P. **Sexo e Afeto na Terceira Idade: aquilo que você quer saber e não teve com quem conversar**. São Paulo: Editora Gente, 1994.
- LAZZAROTTO, A. R. ET AL. O conhecimento de HIV/aids na Terceira idade: estudo epidemiológico no Vale do Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Dez. 2008, vol. 13, nº 6. PP.1833-1840. ISSN 1413-8123.
- OLIVI, M., SANTANA, R. AND MATHIAS, T. Behavior, knowledge and perception of risks about sexually transmitted diseases in a group of people over 50 years old. **Rev. Latino-Am. Enfermagem** [online]. 2008, vol.16, n.4, pp. 679-685. ISSN 0104-1169.
- UCHÔA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 19(3):849-853, mai-jun, 2003.
- UCHÔA, E. ET. AL. Envelhecimento e saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, M.C. **Antropologia, Saúde e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.